

## Convivências entre o Egito antigo e o Brasil.\*

Prof. Dr. Margaret Marchiori Bakos\*\*

Há milênios o Egito tem fascinado o mundo ocidental e uma das razões é a permanência, até hoje, de suas construções monumentais, mais especificamente as pirâmides, as únicas entre as sete grandes maravilhas da antigüidade hoje disponíveis. Outra, é a magia que emana de tudo aquilo que permanece daquela civilização: desde os obeliscos a objetos do cotidiano e funerários, preservados em museus, ou copiados e reutilizados com novas perspectivas.

Nessa ótica, a presente comunicação busca valorizar dois momentos importantes da convivência entre o Egito antigo e o Brasil, ambos com a chancela real. O primeiro foi dado por D. Pedro I, seguido por iniciativa de D. Pedro II. No decorrer do século XIX, os monarcas demonstraram interesse pelos antigos Egípcios e contribuíram para a efetiva presença de traços daquela cultura neste país, com repercussões até a atualidade.

O marco inicial desse longo relacionamento foi a compra de um acervo de relíquias do antigo Egito, em hasta pública, pelo Imperador D. Pedro I ao italiano Fiengo, em 1824. Ao que parece, o mercador veio da Europa com planos de vender as raridades na Argentina, mas não foi bem sucedido. Provavelmente devido ao contexto turbulento em que se encontrava o país vizinho.(PERNIGOTTI, 1991: 54-67) Meio século depois, a coleção foi aumentada devido ao prestígio de um turista brasileiro em solo egípcio: D. Pedro II. O Imperador estudioso, conhecedor da História da Humanidade, e de várias línguas, entre elas o hebraico e o árabe, visitou duas vezes aquele país: em 1871-72 e em 1876-77. Na última viagem, ele foi presenteado pelo Quediva<sup>1</sup> Ismael, com um sarcófago da época Saíta.<sup>2</sup>

Tais fatos da realeza brasileira inserem-se no contexto internacional de nascimento da **egiptologia**<sup>3</sup>, ciência que trata de tudo quanto se relaciona ao

---

\*Esta pesquisa conta com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

\*\*Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC).

<sup>2</sup>Título do antigo vice-rei do Egito, quando esse país era tributário da Turquia.

<sup>2</sup> Alguns outros objetos foram ou doações ou trocas de várias pessoas, no final do século passado e nos inícios deste. Desde então, a coleção não aumentou mais, infelizmente. (CHILDE, 1919:2)

<sup>3</sup> É fácil constatar o êxito da **egiptologia** e o sucesso daqueles que a seguiram como profissão ou a sustentaram, o que é atestado pelo entusiasmo mundial despertado pela descoberta da tumba de Tutankhamon, em novembro de 1922, por Howard Carter (1874-1939), financiado pelo milionário inglês – Lord Carnavon (1866-1923). As inúmeras publicações em periódicos e revistas, feitas nessa ocasião, no mundo todo, inclusive no Brasil, propiciam um substancial testemunho da paixão pela história, beleza plástica e

antigo Egito. Ela surge com a decifração da escrita hieroglífica por Jean-François Champollion, em 1822, através da análise da Pedra de Rosetta, com sua inscrição bilingüe, e a publicação de suas obras magistrais, entre elas: *Lettre à M. Dacier* relativa aos hieroglifos fonéticos.

Aos poucos, os pioneiros da egiptologia solidificaram os princípios da atividade que foi responsável pela conservação de substancial parte do grande patrimônio deixado pelos antigos egípcios à humanidade. A luta deles foi, em muitos casos, dificultada pela ação dos aventureiros que foram para o Egito, principalmente a partir de finais do século XVIII e no decorrer do XIX, em busca de objetos antigos para vendê-los a colecionadores, desejosos de possuírem peças do antigo Egito.<sup>4</sup> Felizmente, em alguns casos, como o brasileiro, o espólio saqueado obteve um destino nobre. As *mercadorias* de Fiengo encontram-se preservadas em um Museu, à disposição da comunidade leiga e dos pesquisadores.

A idéia de pesquisar **egiptologia/egiptomania**<sup>5</sup> no Brasil ocorreu há cinco anos, a partir de leituras sobre relatos de investigações bem sucedidas realizadas em países de colonização européia, historicamente menos privilegiados que as metrópoles. Descobrimos, então, que a história da egiptologia, no Brasil, embora mais recente, não é menos importante, e merece ser estudada.

Neste país, como vimos, os primeiros protagonistas dessa aventura cultural foram ilustres. Da atuação de D. Pedro I, resta-nos um magnífico acervo de peças egípcias. Elas encontram-se no Museu Nacional do Rio de Janeiro, situado no local conhecido como o Paço de São Cristóvão.<sup>6</sup> A Coleção<sup>7</sup>, que ocupa atualmente apenas três salas, no segundo piso do prédio,

---

significados das coisas antigas egípcias. Atualmente, há cursos específicos em Universidades de todos os continentes, dedicados ao estudo científico sobre o Egito Antigo

<sup>4</sup> Em 1995, elaboramos um Projeto Nacional de pesquisa, registrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, n. 103.224, que não chegou a ser implementado em sua totalidade por falta de suporte financeiro. Entretanto tivemos o incentivo para continuar desenvolvendo uma pequena parte desse projeto através de duas bolsas de iniciação científica, concedidas pelo programa do PIBICPq, junto à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1995 e 1998.

<sup>5</sup> A egiptomania refere-se a uma prática mais antiga que a da egiptologia, mas esse termo aparece na Europa apenas no decorrer da primeira guerra mundial. Ele se refere a uma vasta reutilização de motivos do antigo Egito para a criação de objetos e de narrativas contemporâneos, em uma época desejosa de objetos autênticos. LANT, 1996, In. BAKOS, M. Egiptomania no Brasil (séculos XIX e XX). Projeto de Pesquisa. Mimeo.

<sup>6</sup> O prédio construído por um rico negociante português, no fim do século XVIII, foi por ele presenteado ao rei D. João VI, em março de 1808. Desse ano a 1821, o Paço foi residência da família real e de 1822 a 1889 abrigou a família imperial. Quando da proclamação da República no País, em 1889, foi sede da Assembléia Constituinte, encerrada em 1891. Desde 25 de junho de 1892, é a sede do Museu Nacional.

<sup>7</sup> Há outras coleções de peças egípcias, particulares, no País atualmente. E desde 1989, a Universidade de São Paulo possui uma coleção egípcia no Museu de Arte de São Paulo. (ver. BRANCAGLION, A.1993)

não está exposta na sua íntegra. Sabe-se que dela constam, basicamente, 55 estelas e baixos relevos, 15 sarcófagos e fragmentos, 81 estatuetas votivas e funerárias, 216 ushabtis, 29 múmias e partes, 54 amuletos, símbolos e escaravinhos, 5 papiros, 69 miscelâneas e 100 objetos e bens funerários.

O autor do primeiro catálogo sobre esse acervo foi Alberto Childe, nascido em S. Petersburgo, na Rússia, falecido em 1870, em Petrópolis, no Brasil. Ele foi um dos homens mais inteligentes, mais finos e mais cultos, que Manuel Bandeira – consagrado poeta brasileiro – disse ter conhecido. Segundo Bandeira, Childe era *dotado de talento para tudo – literatura, pintura, ciências. Jamais se fixou em qualquer coisa senão na egiptologia.* (KITCHENS,1990:xx). Foi ele quem, no decorrer de vinte anos como conservador do Museu Nacional, restaurou as suas múmias e resgatou as origens históricas da coleção egípcia.

Em visita ao Brasil, em 1985, Keneth Kitchens, famoso egiptólogo inglês, teve a oportunidade de conhecer e estudar a coleção e de escrever sobre ela. Ele prefacia o magnífico catálogo<sup>8</sup> bilíngüe (português/inglês), organizado sobre as peças, com as seguintes palavras: *O acervo egípcio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, é, provavelmente, o mais antigo e o mais importante da América do Sul.*

Em outro momento, D. Pedro II fortaleceu o vínculo entre o Egito antigo e o Brasil, iniciado pelo filho, ao tornar-se, em 1871, notável estudioso da cultura egípcia e precursor do turismo brasileiro naquele país. A primeira jornada dos Imperadores, Pedro II e Teresa Cristina, à Europa e Egito foi no período compreendido entre 25 de maio de 1871 e 30 de março de 1872.<sup>9</sup> Depois de visitar Portugal, Espanha, Bélgica, Alemanha, Áustria e Itália, partiram do porto de Brindisi rumo ao Egito, *com tempo sereno e mar calmo.* Entretanto, segundo o tradutor, logo se iniciou um dos formidáveis temporais que costumam ocorrer no mar Mediterrâneo: *tão forte foi o vento, tão violentas as vagas que repetidas vezes alagaram o vapor, chegando mesmo ao pavimento em que se achavam as câmaras do Imperador e de sua comitiva.* Quatro dias depois eles desembarcaram em Alexandria (Marques dos Santos 1945: 77)

---

<sup>8</sup> KITCHENS, K. e BELTRÃO, M.C. *Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional*, Rio de Janeiro, Londres: Aris & Phillips Ltd., 1988, 2 v.

<sup>9</sup> Foi sempre um grande desejo de Dom Pedro II conhecer a Europa e a oportunidade apenas se deu, aos 45 anos, por um fato triste: o falecimento, em Viena, de sua filha Leopoldina. Pelos jornais se verifica o desejo de D. Pedro II de ir à Europa, buscar os quatro netos e visitar o túmulo de sua filha. MARQUES DOS SANTOS, F. Aspectos da primeira viagem dos imperadores do Brasil à Europa e Egito. (1871-1872). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. V. 1888, julho-setembro, 1945. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.p.55

A primeira jornada dos Imperadores, Pedro II e Teresa Cristina, à Europa e Egito foi no período compreendido entre 25 de maio de 1871 e 30 de março de 1872.<sup>10</sup> Depois de visitar Portugal, Espanha, Bélgica, Alemanha, Áustria e Itália, partiram do porto de Brindisi rumo ao Egito, *com tempo sereno e mar calmo*. Entretanto, segundo o tradutor, logo iniciou-se um dos formidáveis temporais que costumam ocorrer no mar Mediterrâneo: *tão forte foi o vento, tão violentas as vagas que repetidas vezes alagaram o vapor, chegando mesmo ao pavimento em que se achavam as câmaras do Imperador e de sua comitiva*. Quatro dias depois eles desembarcaram em Alexandria. (dos Santos 1945: 77)

No Egito, D. Pedro II visitou Suez, em primeiro lugar, onde desejou conhecer todos os lugares bíblicos, *como a rocha, da qual brotou água, ao toque da vara do condutor do povo de Deus*. (MARQUES DOS SANTOS,F.1945:79) O Cairo foi o rumo escolhido a seguir, face ao desejo do Imperador de conhecer as pirâmides. Na companhia do Barão do Bom Retiro, do Cônsul da Áustria e de *quatro robustos árabes*, D. Pedro II escalou a pirâmide de Queóps, a maior de todas, em 25 minutos. Após oito dias de estada na capital do Egito, a comitiva real regressou para a Itália. Nesse país, eles visitaram diversas cidades a começar por Nápoles, Roma, Florença, Gênova, Torino, Genebra e Basileia. Não se conhece nenhum depoimento de D. Pedro II sobre essa viagem.

Em contrapartida, em 1976, devido ao seu fascínio pelo Egito, o monarca eternizou a segunda jornada, em um diário<sup>11</sup>, apresentado à posteridade, por Affonso d'Escragnolle Taunay, com as seguintes palavras:

*Raros são os que conhecem a existência deste Diário da viagem do Imperador D. Pedro II ao Alto Nilo que, em cumprimento de paterno voto, tenho a honra de oferecer à Revista de uma das mais, se não a mais ilustre corporação científica do Brasil, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*

---

<sup>10</sup> Foi sempre um grande desejo de Dom Pedro II conhecer a Europa e a oportunidade apenas se deu, aos 45 anos, por um fato triste: o falecimento, em Viena, de sua filha Leopoldina. Pelos jornais se verifica o desejo de D. Pedro II de ir à Europa, buscar os quatro netos e visitar o túmulo de sua filha. (MARQUES DOS SANTOS,F., 1945:55)

<sup>11</sup> Em 1890, por ocasião da dispersão dos móveis de D. Pedro, alguém, que havia comprado uma pequena mesa que lhe pertencera, encontrou no fundo de uma gaveta um manuscrito incompleto com as páginas meio rasgadas, escrito pelo Imperador: eram suas notas e impressões de viagem ao Egito e diversos desenhos feitos por ele mesmo durante sua viagem ao Nilo. O manuscrito estava redigido em francês, e parece que o Imperador queria dá-lo a conhecer aos seus amigos do Instituto Egípcio, ou servir-se como borrão ou minuta para as correspondências que dirigia a Mariette, a Brugsh Bey e provavelmente também a outras pessoas. (DEBANNÉ,N, 1912: 133-34)

O Imperador deixou notas com impressões pessoais e observações concernentes quase exclusivamente a questões de egiptologia. *Vê-se claramente que ele tomava essas notas para discutir o assunto com os membros do Instituto, quer no primeiro encontro, quer por meio de correspondência, pondera Debanné. Ele julga que D. Pedro:*

*... experimentava um prazer intelectual nas suas pesquisas egiptológicas (...) como filósofo, como pensador, segundo sua própria expressão; mas não se limitava somente a isto; ele havia notado a extraordinária semelhança de clima entre o Brasil e o Egito. ( DEBANNÉ, N. 1912:154)*

É possível pensar, através da leitura do Diário, que D. Pedro II iniciara o estudo da egiptologia muito antes da sua primeira viagem fora do Brasil, quer pela leitura de tratados, quer pela correspondência assídua, e afetuosa, segundo Taunay, com egiptólogos de competência indiscutível, como Mariette Bey<sup>12</sup>, Brugsch e Rougé. O fato de escrever o diário em francês significou, para o tradutor, que o Imperador pretendia enviá-lo aos seus amigos egiptólogos. ( TAUNAY, 1909: 219)

O diário inicia no dia 11 de dezembro de 1876, com a descrição da partida do porto de Giza, a passagem pela pirâmide de Meydum, que D. Pedro refere, com propriedade, ser conhecida como *falsa*. Ao longo do trajeto, D. Pedro II preocupa-se em visitar locais com monumentos da história antiga do Egito, mas também coisas da modernidade, como um dos engenhos do Quediva, que produzia anualmente substantiva parcela do açúcar e do álcool necessários para a economia do país. O imperador lamenta que sua magnífica viagem seja um privilégio de poucos. E registra, no diário, que essa constatação o amargura e o deixa incapaz de fazer coro ao pensamento de faraós antigos: *Conserva-te alegre, durante toda a existência. Acaso houve quem saísse do túmulo?*

No decorrer da viagem, o Imperador intercala jornadas em *burricos* para visitar as *grutas*, como ele denomina, segundo o tradutor do diário, as tumbas faraônicas nos sopés das montanhas arenosas, com leituras, à noite, em sua cabina, da gramática hieroglífica de Brugsch. Nessas horas, ele estuda as anotações que feitas durante o dia e confessa-se impressionado com o

---

<sup>12</sup> Pode-se verificar por estes breves *curriculum vitae* que D. Pedro II tinha contato com personalidades expoentes no meio egiptológico internacional: François Auguste Ferdinand Mariette Bey (1821-1881) foi um dos mais importantes egiptólogos do mundo, o fundador do Serviço de Antigüidades Egípcias; Émile Charles Adalbert Brugsch (1842-1930), egiptólogo alemão, foi assistente de Mariette e um dos organizadores do Museu de Bulaq e do Cairo; Emmanuel Charles Oliver Camille de Rougé (1811-1872), egiptólogo francês, foi o primeiro a mostrar a riqueza da literatura Egípcia preservada nos papiros hieráticos.(DAWDSON, 1995, 278-79; p.66; p.365-66).

progresso na interpretação dos hieróglifos. Ele compara os avanços dos amigos egiptólogos nesse campo de estudo: classifica Brugsch como mais sábio que Mariette, a quem julga mais empreendedor, face às inúmeras descobertas arqueológicas empreendidas.

Crítico sagaz, maravilhado com a decoração das paredes, no templo do Faraó Seth I, pai de Ramsés II, o Imperador intercala observações elogiosas com censuras ao que denomina de rígido *canon* da arte egípcia. Na opinião de D. Pedro II, tais regras teriam tolhido a criatividade dos artistas e impedido a geração de *verdadeiras preciosidades artísticas no Egito*. (TAUNAY, 1909: 235)

No dia 17 de dezembro, o Imperador e sua comitiva desembarcam em Dendera. Para não perder tempo, D. Pedro, segundo suas próprias palavras, dispensou os lerdos burricos e foi a pé visitar o Templo da Deusa Hathor. Ele tece aguçados comentários sobre essa visita, desde o modo de vida dos *fellahs*, os camponeses egípcios, até detalhes sobre a hierarquia dos deuses na mitologia antiga. Ele destaca o grande papel de Hathor na cosmogonia. E explica que a divindade da harmonia, da beleza e do amor para os egípcios é representada pelos gregos como Afrodite, e como Vênus, pelos romanos.

A longa análise do santuário de Hathor revela os profundos conhecimentos do monarca brasileiro sobre a cultura egípcia, como segue:

*Percorri um dos corredores, espantando uma nuvem de morcegos. Em outra passagem do lado do Norte, descobriram-se inscrições comprovatórias da existência, naquele local, de um santuário ereto por Tutmósis III, da 18 dinastia (1700 °C.) e igual ao outro do tempo de Queóps, (4 dinastia, 4000 °C.), cuja descrição foi achada na época de Pepi (6ª dinastia, 3 700 °C.).*

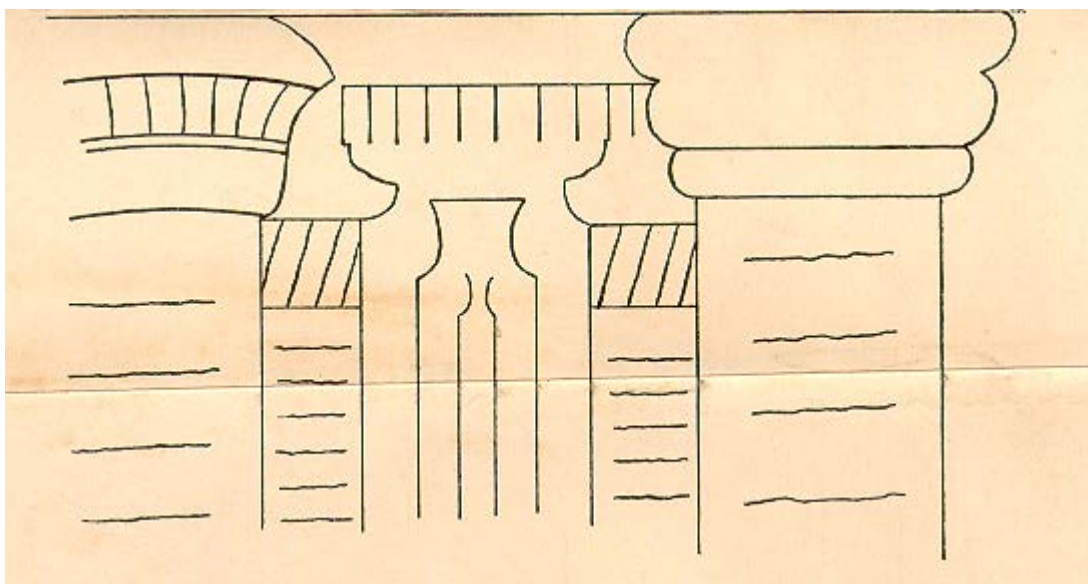
*Nos baixos relevos dessas câmaras, acham-se muitas indicações acerca das cerimônias do templo.*

*O quarto do fundo era o santuário de Hathor. A procissão principal saía por ocasião do ano novo que começava a 21 de julho, dia em que Sothis (Sirio) nascia com o sol, coincidindo com a cheia do Nilo.*

*(...) Um calendário regulamenta as festas processionais em que tomam parte sacerdotes de todo o Egito e insere receitas para óleos e perfumes, existindo também calendários resumidos para as festas de Osíris em outras cidades.* (TAUNAY, 1909: 240-1)

Impressionado com o mau estado dos monumentos históricos, que mostram vestígios de *incrível vandalismo*, o Imperador lamenta que o Quediva seja pródigo com os seus palácios, mas desleixado na conservação dessas construções, *tão interessantes para o estudo do Alto Egito*. O

Imperador expressa sua profunda admiração pelos monumentos em Karnak, considerado por Mariette *o mais admirável ajuntamento de ruínas do mundo*. Na segunda visita ao local, *ouvindo o canto dos pássaros*, ele diz: *Tudo observei em Karnak com a máxima atenção (...) Almocei na sala hipostila e durante a refeição desenhei novo esboço. Não compreendo nem pude saber o que vem a ser a grade de pedra que se vê nesse croquis:*



Desenho e legenda de D. Pedro II: Karnak, salle hypostile, 19 Décembre 1876 (TAUNAY, 1909: 277).

Em um momento da visita, em euforia, o Imperador faz uma emocionada referência a seus afetos: *Do alto desse pylono adorei a Deus, criador de tudo quanto é belo, voltando-me para as minhas duas pátrias, o Brasil e a França, esta, pátria de minha inteligência, e aquele pátria de meu coração.*(TAUNAY,1910:248)

Ao chegar a Luxor, uma das capitais do antigo Egito, o Imperador encontra um local movimentado por ser dia de feira. Ele informa que havia camelos e jumentos em profusão e a praça da aldeia estava *juncada de verdes canas de açúcar*.

A visita ao templo de Deir el Bahari, construído por Hatsepsut, sensibiliza o monarca em diferentes maneiras. Impressiona-lhe a aridez do local, a legibilidade dos nomes reais nos cartuchos, a perfeição nas

representações dos peixes do mar Vermelho, a imagem da *efígie real* sugando o leite divino de Hathor<sup>13</sup>, representada por uma *figura de vaca de notável realismo* e, finalmente os *restos de múmias, cujo cheiro rivalizava com o dos vestígios dos morcegos*. (TAUNAY, 1910: 258)

A longa narrativa do Imperador sobre a jornada no Nilo é muito interessante porque ele informa, desde minuciosos aspectos de cunho histórico/arqueológicos da viagem, manobras cotidianas necessárias para atracar o vapor: as passagens pelos canais colaterais para evitar as ilhas do Nilo, as proezas dos desembarques para as visitas aos monumentos, até memórias pessoais. Ele lembra, por exemplo, o busto de Belzoni, o descobridor do templo de Seth I, que viu no Paço Municipal de Bolonha, quando conhece, pessoalmente, o templo, no Egito. O monarca também cita o telegrama que enviou a Mariette para saber sobre a exata localização de uma recente descoberta do egiptólogo, da qual tivera conhecimento e que desejava ver *in loco*. D. Pedro expõe, no diário, até mesmo pensamentos românticos, como essa passagem: *O luar, hoje, não está tão belo como ontem. Passei, no entanto, algumas horas deliciosas, deixando a imaginação divagar*. (TAUNAY, 1910:274)

O manuscrito se interrompe logo após essa reflexão do Imperador. Taunay, desconsolado, busca com a Princesa Isabel saber do destino tomado pelo restante do documento, mas sem sucesso<sup>14</sup>. Estava, no entanto, registrado o que Nicolas Debanné, adido à Agência Diplomática do Brasil no Egito, julgou um caso de amor de D. Pedro II pelo Egito antigo. Debanné fortalece essa opinião com o relato das posturas do Imperador: modesta sobre os inúmeros títulos recebidos de sociedades científicas e orgulhosa sobre o fato de ser membro honorário do Instituto Egípcio.(DEBANNÉ, N. 1912:131)

Em síntese, é mister concluir que os vestígios da participação dos Imperadores no processo da convivência entre o antigo Egito e o Brasil tem uma dimensão histórica significativa. Eles foram conservados pela presença da coleção Egípcia no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, pelo diário de D. Pedro II, publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pela simbólica reutilização de um obelisco. Esse monumento, de origem

---

<sup>13</sup> Nos tempos antigos a deusa céu era adorada como a mãe do deus-sol até que Isis ocupou esse lugar. A concepção do céu como uma vaca, que havia no Delta, deu à Hathor uma forma bovina.(LURKER,1988:58).

<sup>14</sup> *Não pode a Princesa D. Izabel ministrar os esclarecimentos pedidos; aborto com os graves cuidados do Governo, nunca mais cogitara D. Pedro II em coordenar as notas recolhidas no Alto Egito.*TAUNAY, 1910, p.222



egípcia, serviu para uma homenagem a D. Pedro II,<sup>15</sup> prestada, em 1925, no Bosque do Imperador, em Petrópolis, cidade que o monarca amava. Esse gesto também é significativo na medida em que a reutilização de um elemento da arquitetura egípcia, na atualidade, caracteriza, no Brasil, uma prática de valorização daquela sociedade, a egiptomania, recorrente no mundo ocidental, ao longo dos séculos.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BAKOS, M. A Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. In: BAKOS, M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.
- BAKOS, M. (1998) Three Moments of Egyptology in Brazil. *Proceedings of Seventh International Congress of Egyptologist*. Cambridge, 3-9 September. Leuven Uitgeverij Peeters, 1998, p. 87-91.
- BEDIAGA, B (org.). *Diário do Imperador D. Pedro II*. Rio de Janeiro.: Museu Imperial, 1999.
- BRANCAGLION, A. Arqueologia e religião funerária: a propósito do acervo egípcio do MAE. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1993.
- CARDOSO, C.F. e VAINFAS, R. *Domínios da História*, Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DAWSON, W., et UPHILL, E. *Who was who in Egyptology*. London, The Egypt Exploration Society, 1995.
- DEBANNÉ, N. D. Pedro II no Egito. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 75 (2): 131-157, 1912.
- KITCHENS, K. e BELTRÃO, M.C. *Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional*, Rio de Janeiro, Londres: Aris & Phillips Ltd., 1988, 2 v.
- LURKER, M. *The gods and symbols of ancient Egypt*. London: Thames and Hudson, 1974.
- MARQUES DOS SANTOS, F. Aspectos da primeira viagem dos imperadores do Brasil à Europa e Egito. (1871-1872). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 188 (2): 55-91, 1945.
- SABALLA, V. Egiptologia no Rio Grande do Sul. In: BAKOS, M., POZZER, K. (org) *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo*. Porto Alegre, EDIPUC, 1998.
- SCHWARCZ, L. *As barbas do Imperador*. Rio de Janeiro.: Companhia das Letras, 1998.

---

<sup>15</sup> A informação sobre o obelisco foi obtida por Carolina Machado Guedes, acadêmica de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Laboratório de Pesquisas Históricas (LHIA) da mesma universidade, para o projeto citado sobre Egiptomania.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle Diário da viagem ao alto Nilo. Feita pelo Imperador D. Pedro II em 1876. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, In, 75 (1): 217-277, 1910.